

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 23 - número 45 - março 2014

vol. 23 - número 45 - março 2014

Fundação Eng. António de Almeida



FIGURAÇÕES DO INFIGURÁVEL: ENTRE JACQUES DERRIDA E JEAN-LUC NANCY*

HUGO MONTEIRO**

«À travers les larmes, il nous faut regarder»

Jean-Luc Nancy

«Et nous savons qu'une signature ne signe pas seulement,
elle nous parle toujours de la mort»

Jacques Derrida

«Inalcançável [unidade] porque nunca estamos sós,
inteiros, e do mesmo lado do corpo»

Maria Gabriela Llansol

Resumo: Partindo de uma breve carta onde, pela mão de Jean-Luc Nancy, se entretece a memória enlutada e o prolongamento de um debate, este texto procura pensar a *partilha* filosófica em torno da imagem (e outros regimes de invisibilidade), *de desconstrução a desconstrução*: de Jean-Luc Nancy a Jacques Derrida. Aí, onde um diferendo sobrevive, abordamos duas inflexões de uma *Figuração do Infigurável*, questionando a desconstrução da representação como *pressuposto* para se repensar a(s) arte(s), a imagem, mas também o filosófico e o político, na proximidade e distância que atravessa o encontro – e que trilha a amizade filosófica – entre Derrida e Nancy.

Palavras-chave: Desconstrução; imagem; luto; melancolia

* O presente texto foi produzido no âmbito do projecto de investigação pós-doutoral «Paragens do Impossível – Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy», em curso no Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da FLUC, sob a orientação da Prof^a Doutora Fernanda Bernardo.

** INED/ Politécnico do Porto.

Résumé:

Prenant pour point de départ une brève lettre où, par la main de Jean-Luc Nancy, s'entrelace la mémoire endeuillée et le prolongement d'un débat, ce texte cherche à penser le partage philosophique autour de l'image (ainsi que d'autres régimes d'invisibilité), de déconstruction à déconstruction: de Jean-Luc Nancy à Jacques Derrida. Là où un différend survit, on aborde deux inflexions d'une Figuration de l'Infigurabile, en questionnant la déconstruction de la représentation comme présupposé permettant de repenser l'art/les arts et l'image, mais aussi le philosophique et le politique, dans la proximité et la distance qui traversent la rencontre – et qui tracent l'amitié philosophique – entre Derrida et Nancy.

Mots-clés:

Déconstruction, Image, Deuil, Mélancolie

Um luto, finalizando em silêncio e argumentando um silêncio, atravessa as palavras de Jean-Luc Nancy, numa breve carta em que justifica a ausência de uma projecção filmica de homenagem a Jacques Derrida. Nancy endereça-se a Jean-Pierre Rehm e, lateralmente, a Safaa Fathy, autora das filmagens e signatária do convite que lhe é dirigido. Nancy declina da seguinte maneira:

«[...] ces films portent avec eux un deuil *toujours trop proche*»¹

Estas palavras, no seu teor circunstancial, indiciam uma proximidade entre dois pensamentos, cuja contemporaneidade se interrompe no golpe traumático do desaparecimento. Tal cumplicidade excede a circunstância, excedendo também, no registo hiperbólico de dois pensamentos que *se tocam* sem se confundirem, o modo como se pensa a própria relação, cumplicidade ou amizade em duas escritas que se interpelam, em dois textos que se lêem. Na subtilidade desse contacto, pensando-se o «lugar perigosamente comum» de onde se declina qualquer possibilidade (ou desejo) de consenso², o encontro entre Derrida e Nancy figura como um dos grandes eventos de uma contemporaneidade filosófica que se pensa e se desconstrói – *como contemporaneidade e como filosofia* –, na tangente que aproxima e dissocia duas inflexões de um mesmo (plural) registo: *a desconstrução*.

¹ Jean-Luc Nancy, «Penser à vue. Jacques Derrida. Lettre à Jean-Pierre Rehm, le 24 juin 2005». *Journal FID Marseille* (Festival international du documentaire de Marseille), disponível em <http://www.fidmarseille.org/pdf/040705.pdf>. Última consulta em 24 Março de 2013. Itálico nosso.

² Pensando sobre a 'conjuntura' que o associa a Nancy, e falando acerca de um trabalho que resta por fazer, diz Derrida: «Sans consensus, nous nous débattons en effet dans une sorte de lieu dangereusement commun». Jacques Derrida et Jean-Luc Nancy, «Responsabilité – du sens à venir», F. Guibald et J-C Martin (dir), *Sens en tous sens. Autour des travaux de Jean-Luc Nancy*, Galilée, Paris, 2004, p.166

1. Tangências: *Desconstrução e Desconstrução*

A tangente, no golpe rasante que é o seu traçar, diz a um tempo o contacto, o toque, a quase coincidência indistinta, e o caminho singular de uma linha que segue o seu próprio rumo. Tangente é o ponto de contacto que não intersecciona, que não chega a interceptar – que toca no ponto único, mas sensível ao ponto de validar o modo como essa linha se nomeia, se deixa nomear por tangente. Tocando, mas seguindo o seu caminho, sem cruzamento, intersecção ou rasura, a tangente traça «uma espécie de pertinência impertinente»³, no conjunto de tangências traçáveis entre um e outro pensamento, nos modos do seu tocar... Entre Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy uma partilha anima o pensamento, em linha de tangência indiciadora de uma cumplicidade revolta, dissonante, assimétrica. Uma cumplicidade que se partilha, como afirmação da alteridade experienciada na amizade admirativa mas, também, no debate filosófico permanente e sem concessões. Marca de uma *dis-con-junção*⁴, como reflexo de um gesto desconstrutivo singular⁵, que Derrida chega a afirmar como pós-desconstrutivo⁶, a *tangência* entre Derrida e Nancy figura também como rasgo de alteridade que se pensa, indominavelmente, como experiência de amizade sem fusão ou assimilação; *o outro como experiência*.

O pensamento filosófico transporta, ainda que de forma murmurada, a experiência do que se não domina, a interrupção, na experiência tocante do Outro que *vem*⁷. O pensamento, *gesto* e *experiência*⁸, é passividade, vulnerabilidade e entrega ao Outro, na surda exclamação que, em permanência, anuncia o advento da sua presença adiada: «vem!»⁹. O desejo, abertura ou exposição ao *Outro que vem*, marca diferentemente os registos de pensamento de Jacques Derrida e de Jean-Luc Nancy. Diferentemente, desde logo pela

³ Cf. J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, Galilée, Paris, 2000, p. 151.

⁴ Palavra pensativa que Jean-Luc Nancy acrescenta no prefácio à edição portuguesa de *O Peso de um pensamento. A aproximação*, trad. Fernanda Bernardo e Hugo Monteiro, Palimage, Coimbra, 2011, p. 9.

⁵ Cf. J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 323.

⁶ «Le toucher reste pour Nancy le motif d'une sorte de réalisme absolu, irrédentiste et post-déconstructif» Ibid, p. 60.

⁷ J. Derrida, «Passages – du traumatisme à la promesse», in *Points de suspension*, Galilée, Paris, 1992. p. 395.

⁸ J-L Nancy, *La pensée dérobée*, Galilée, Paris, 2001, p.13.

⁹ O '*vem*', que se antecipa à decisão soberana de um sujeito, ao reduto da soberania, como a todo o reduto; o *vem*, excedendo a forma verbal, indicia a hospitalidade da leitura, na obrigação de uma resposta singular, de vez a vez e infinitamente: «C'est chaque fois un événement singulier à condition d'un *viens*, chaque fois unique mais éternellement répété, disant *tu...*» Cf. J. Derrida, *Parages*, Galilée, Paris, 2003, p.24

inflexão desse ‘vem’ que, na partilhada anulação de uma presença, na partilhada desconstrução das categorias do tempo, instala uma *abertura fracturante*¹⁰ na contemporaneidade: a fractura, o afastamento, a solidão da singularidade e do silêncio como condições inalienáveis da própria proximidade, da amizade, da partilha, da cumplicidade¹¹. Falamos de amizade filosófica entre Derrida e Nancy, na senda desse afastamento que dá lugar à amizade como pensamento, ela própria dada a pensar pela dimensão ressoante de ‘vem’, onde pensamento e desejo se entrecruzam, mas também onde a contemporaneidade se deixa interromper e, exposta a uma «ruptura de ritmo»¹², se dá a pensar da forma mais audaciosa.

A nota em falso

Inerente a uma fidelidade singularmente assumida, isto é, à fidelidade infiel, à reinvenção ditada e celebrada na pluma de todo o herdeiro fiel – *infidel por fidelidade* – toda a tangência se sujeita à provação da nota em falso – da *justa nota em falso*¹³, ante a harmonia improvável que é *viver-se com, viver-se junto, con-viver*. O risco da nota em falso inscreve-se na própria experiência da escrita, ante uma língua herdada, inapropriável, apelando ao risco inventivo da contra-assinatura¹⁴.

Enquanto experiência, toda a escrita comporta uma não pacificável pluralização que, lembrando que toda a voz é plurifônica¹⁵, sublinha o apelo a ‘*plus d’une langue*’¹⁶ – *mais do que uma língua; não mais uma só língua* – que atravessa, de lés a lés, a desconstrução enquanto pensamento. Há sempre plural na desconstrução. Uma cisão constituinte, como «corpo apaixonado

¹⁰ J. Derrida, «Avouer - L'impossible», in J. Halpérin et N. Hansson, *Comment vivre ensemble?*, Albin Michel, Paris, 2001, p. 185.

¹¹ Cf. *Ibid*, p. 205.

¹² J. Derrida, «Penser ce qui vient», in René Major (dir), *Derrida pour le temps à venir*, Éd. Stock, Paris, 2007, p. 30.

¹³ Cf. J. Derrida, «Avouer - L'impossible», *op. cit.*, p. 188.

¹⁴ «Qui n’imite pas, ne reproduise pas, au risque même de la fausse note, mais qui prenne ce risque pour obéir à l’engagement de fidélité. J’appelle souvent cela, ce pari, “contresigner”» J. Derrida, «La vérité blessante ou le corps à corps des langues», in *Europe*, année 82, n° 901, Mai, 2004, p.17.

¹⁵ Escreve Nancy: «Une voix est toujours deux voix au moins, toujours polyphone en quelque façon». «Répondre du sens» in *La pensée dérobée*, p.169.

¹⁶ «Si j’avais à risquer, Dieu m’en garde, une seule définition de la déconstruction [...], je dirais sans phrase: plus d’une langue», J. Derrida, *Mémoires, pour Paul de Man*, Galilée, Paris, 1988, p.38.

pela sua divisão»¹⁷, dita a heteronomia e, como tal, o plural que habita o próprio excesso da língua enquanto ex-apropriação, herança, apelo à reinvenção. O atraso face a uma língua herdada e, por conseguinte, toda a experiência de atraso que é a experiência da língua, afirma esta experiência como experiência sem pertença, sem território e sem soberania. A língua – «Vinda do outro, permanecendo do outro, ao outro reconduzida»¹⁸ – é o *algures* que permanentemente apela a uma herança inventiva, como que renascendo vividamente a cada retraçagem, a cada ímpeto de escrita¹⁹.

O dom, o dom das línguas em Derrida²⁰, numa vibração própria em que cada frase, cada palavra, se cadencia irrepetivelmente, dando a ouvir, num outro tom, justamente, a vulnerabilidade de um paradigma da visão e da mostraçã face a este modo de entender²¹ a língua, a experiência da língua, o todo da experiência. Fora do discurso gnosiológico, epistemológico ou ético-ontológico em que as várias tradições do saber acrisolaram o termo, não há desconstrução sem um urgente repensar da experiência enquanto impossível, sua única possibilidade, sem o assentimento assimétrico do intransmissível ou do que se furta e excede a qualquer previsão ou (pré) compreensão. Desviada, pois, da soberania de um sujeito, a experiência – e a desconstrução enquanto experiência – acontece em inevitável e ousado desvio face ao léxico que, herdado de uma longa e venerável história do pensamento, se dá agora a repensar, laborando numa modulação de verdade exterior aos desígnios das «luzes», «lucidez», «revelação», «esclarecimento» ou «ilustração»... até mesmo, acrescenta Derrida, fora do impulso imitativo/representativo inerente a um «*como tal*»²². Figura-se só o infigurável, e nem isso figurando: fora de um paradigma de visão e de visibilidade, que a escrita como experiência excede e desafia.

Escreve-se sem ver, sabendo-se que toda a escrita, toda a experiência da língua na singularidade do idioma, parte de uma cegueira constituinte. Uma

¹⁷ J. Derrida, *O monolinguismo do outro ou a Prótese de Origem*, trad. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2001, p. 20. Escreverá mais adiante Derrida: «E quando dizemos o corpo, nomeamos também não só o corpo da língua e da escrita como aquilo que faz delas uma coisa do corpo. Apelamos assim ao que tão rapidamente se chama o corpo próprio e que se encontra afectado pela mesma ex-apropriação, pela mesma “alienação” sem alienação, sem propriedade jamais perdida ou sem jamais conseguir reapropriar-se», *op. cit.*, p.42.

¹⁸ *Ibid.*, p. 48.

¹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 57

²⁰ Mireille Calle-Gruber, *Jacques Derrida, la distance génèreuse*, Éd. de la Différence, Paris, 2009, p. 38.

²¹ Isto é, e recorrendo ao francês ‘entendre’, entender como escutar, na intenção de apor uma dimensão de escuta, de ouvido e de tímpano ao que foi domínio do olho e da visão.

²² J. Derrida, «La vérité blessante ou le corps à corps des langues», *op cit.*, p.19.

cegueira que suplementa a vista, no fio tateante do seu ponto de vista²³. Sem cair na tentação de um discurso meramente oposicional na recusa do olhar, no que seria uma espécie de sucessão do seu reinado ou numa suposta, e céptica²⁴, alteração discursiva – que sempre deixaria intacto o olhar medusante, apropriador, do discurso – tratar-se-á de um gesto de retraimento/retraçamento²⁵ para além da visão, excedendo-a e possibilitando-a nesse excesso. A retirada da visão de uma soberania incontestada (cega?) conduz a um gesto de retraçagem da vista, do olho e da sua história, pondo em cena o ponto cego de onde brota. Escreve Derrida:

«A partir do retraimento [retrait] absoluto de um centro de comando invisível, um poder oculto assegura à distância uma espécie de sinergia que coordena as possibilidades de ver, de tocar, de mover. E de ouvir e entender [entendre], porque são já palavras de cego que eu assim desenho.»²⁶

Palavras de cego, provindas da densidade do invisível, ainda que essa noite da escrita surja à luz do dia «como fotografia revelada»²⁷, sem que nada dessa noite se anule em qualquer aurora clarificadora, mas antes revelando o inalcançável da sua origem nocturna. «Em pleno dia, a queda do dia»²⁸, dirá Blanchot, em escrito acerca do discurso filosófico enquanto ordem do dia, pondo em questão a noite constituinte de todo o discurso. A noite desta invisibilidade imperscrutável comporta, obviamente, uma crítica sem freios a «toda a história, toda a semântica da ideia europeia», que, «na sua genealogia grega, sabemos-lo, vemos-lo, consigna o ver ao saber»²⁹. Tal tendência, no fio deste curso histórico do ver e do saber, não deixa de ser uma maneira de fechar os olhos, abrindo-os em demasia. A sinuosidade idiomática do ponto de (/nenhuma) vista (point de vue) desconstrói, rasurando e relançando.

A cegueira constitutiva da linguagem entra em cena, nesta cena de cego, como vez e voz da experiência na/da desconstrução de Derrida. Uma experiência que, vinda do outro, precede e antecipa toda a ordenação discursiva, toda a arrumação económica de um cosmos estabilizado.

²³ *Point de vue*, ou ponto de vista que é também, na duplicidade permitida em língua francesa, *nenhuma/ nada de vista*. Cf. J. Derrida, *Memórias de Cego. O auto-retrato e outras ruínas*, trad. Fernanda Bernardo, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010, p.9; 11.

²⁴ Cf. *Ibid*, p.9.

²⁵ *Ibid*, p. 11.

²⁶ *Ibid*, pp.11-12.

²⁷ *Ibid*, p. 12.

²⁸ M. Blanchot, «Le “discours philosophique”», in *La condition critique. Articles 1945-1998*, Gallimard, Paris, 2010, p.335.

²⁹ J. Derrida, *Memórias de Cego*, p.20. Itálico de Derrida.

Tal desconstrução do saber como visão, ou do visível como medida suprema da progressão dos saberes, partilha-se em Derrida e Nancy. A partilha de um *augenblick*, de um pestanejar que fragmenta, ritmicamente (logo, também auditivamente), a planura horizontal do visível vinca também a partilha de um legado fenomenológico que urge interromper, reinventar na toada desse piscar de olhos. *Augenblick*: A palavra, lembra-nos sugestivamente Nancy³⁰, combina o olhar (Blick), da pálpebra que contorna mas não vê, com o olho (Augen), na alusão directa ao órgão da vista, na combinação lexical que significará ‘instante’. Na expressiva conclusão de *Le Regard du Portrait*, o instante do piscar de olhos corresponde – no retrato, aqui bem mais do que mero exemplo – ao olhar da imagem, na abertura endereçada que toda a imagem é, assim se formulando como olhar irreduzível ao fenómeno, olhar sem visada, apresentação sem representação³¹. Lapso de tempo, interrupção do tempo no tempo, num quase conceito do filosofar contemporâneo, o piscar de olhos correspondente ao *augenblick* é, simultaneamente, o signo corpóreo da negação da totalidade do tempo e o assentimento à interrupção inerente a todo o acto de ver. Um piscar de olhos partilhado pela inscrição do invisível no campo de visão - a um tempo interrompendo e reescrevendo a vista –, mas também repartido, apartado, no desencontro de duas escritas ou, se preferirmos, no encontro diferido de dois pensamentos. Um piscar de olhos fragmenta o «presente vivo», no legado husserliano, ainda devedor de um conceito metafísico de tempo³², ancorado numa filosofia da presença sob crítica de um «pensamento da não-presença, que não é obrigatoriamente o seu contrário, nem necessariamente uma meditação da ausência negativa»³³. O *augenblick*, piscar de olhos do instante, coloca o problema da duração no gesto de descontinuidade imposto à temporalidade enquanto sucessão cronológica, baque temporal que, vindo do outro, inscreve a temporalidade de uma não-presença como condição da presença e da apresentação³⁴. A *différance*, fendendo a presença viva do presente em nome de uma anterioridade irreduzível – que espectraliza o presente –, abre um outro pensamento do tempo ao rasurar o seu privilégio do presente³⁵, adiando também o plenamente visível enquanto ideal filosófico. A visibilidade confronta-se com a sua véspera, pontuando o tempo a baqueta de cego.

³⁰ J-L Nancy, *Le Regard du portrait*, Galilée, Paris, 2000, p. 87, n 1.

³¹ Cf. *Ibid*, p. 87; pp. 80-86.

³² J. Derrida, «A Diferença», in *Margens – da filosofia*, trad. Joaquim Torres Costa e António Magalhães, Rés, Porto (s/d), p.49.

³³ J. Derrida, *A voz e o fenómeno*, trad. Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito, Ed. 70, Porto, 1996, p.78.

³⁴ Cf. *Ibid*, pp.80-81.

³⁵ Cf. *Ibid*, p.84.

A desconfiança perante a tradição do ver e da visibilidade partilham-se, de Derrida a Nancy, na desconstrução de um teoretismo que se traduzirá num debate intenso, conduzido por toda uma releitura das questões da representação, da imagem, da figuração... na cegueira que as reengendra, para lá da presença fenomenológica. Olhar que olha sem ver, numa espécie de perspectiva de cego, ou, necessariamente, no sublinhar da cegueira em toda a perspectiva.

Em Nancy, tal debate obrigará à atenção para com o espaço, o espaçamento, perseguido na sua escrita através de «uma nova lógica do espaço»³⁶.

2. Corpo, espaçamento, «il y a»: um tom de Jean-Luc Nancy

A *vinda* de uma singularidade, o instante afirmativo de um «vem!», subtrai-se do registo da presença, dos domínios da temporalidade na sua disposição onto-fenomenológica³⁷.

Para Nancy, este ‘vem’ surge como reduto tensional do que não cessa de vir, sendo a ‘vinda’ menos um particípio passado do que a *chegança* como acontecer permanente³⁸. Pensa-se este ‘vem’ como movimento perpétuo e nunca acabado de vinda a presença ou apresentação, no que se configurará, em sede nancyana, como um profundo reposicionar da ideia metafísica de criação *ex nihilo*³⁹. Afirma-se um excesso transbordando os conceitos tradicionais de representação, figuração, *mimesis*, em nome de uma invenção permanente, furtiva face à luminosidade que sedimentou estas palavras nos redutos filosóficos do Ocidente. Criticando o enraizamento, no modo particular assumido pelo termo na filosofia de Heidegger, mas também o imobilismo patenteado pelas grandes narrativas filosóficas da representação e da presença, Nancy sublinha o vai-e-vem errático, profusamente transformador da presença que não cessa de vir, e à qual chamará *nascença* – de mundos no mundo, na instável constituição do mundo⁴⁰.

³⁶ Cf. Idem, *Le toucher*, Jean-Luc Nancy, p. 34.

³⁷ Cf. J-L Nancy, «Différance», in *Le sens du monde*, Galilée, Paris, 1993, p.59

³⁸ Cf. Jean-Luc Nancy, «Nascer para a presença», in *O peso de um pensamento. A aproximação*, p. 114.

³⁹ Escreve Nancy : «Présent se tend hors du présent, cesse brutal d’être présent et d’être rien. Cesse d’être égal à soi, inerte trajectoire sur place. Cesse hurlant de rien, ne cesse pas, mais presse», «Ex nihilo», in *La pensée dérobée*, p.187.

⁴⁰ Cf. Jean-Luc Nancy, *O peso de um pensamento. A aproximação*, Op. Cit., p. 118.

Espaçamentos

Um *espaçamento* motiva o pensamento de Nancy, abrindo o espaço das suas errâncias e marcando o timbre e a excepcionalidade da sua desconstrução. Este espaçamento, marcado que deve ser o seu profundo alcance inventivo, permite também reconhecer o pensamento de Nancy como um pensamento *no mundo*⁴¹ – o que possibilitará interrogar a distância para com a extra-mundaneidade da desconstrução em Derrida⁴². Há, porém, que esclarecer, no necessário teor aproximativo desde esclarecimento, a importância e a singularidade das noções de espaço e de espaçamento em Nancy.

O mundo é afirmado como *espaçamento* antes de qualquer posicionamento. Por outras palavras, não há mundo como entidade constituída e posicional, mas ‘*no mundo*’ – «campo livre, espaço aberto, lugar da vinda»⁴³ – como acolhimento, ou anterioridade que só se constitui ao dar lugar. O mundo precede, pois, a sua própria constituição, a sua génese ou *arké*, que desconstrói. O mundo, na formulação de Nancy, é «exactamente co-extensivo ao ter lugar de todo o existir»⁴⁴; é também plural, vibrátil em si mesmo... uma *totalidade de sentidos*⁴⁵. O mundo, tal como este mote se pronuncia no idioma de Nancy, reflecte a oposição para com a ideia de *mundus* como ordenação ou *cosmos* e, como tal, a recusa da ideia metafísica de *sentido do mundo*, pela afirmação de um mundo coetâneo com o sentido, na pluralidade insanável de sentidos: *o mundo é dom de sentidos*⁴⁶. No lugar do *cosmos*, um espaçamento arqui-originário capaz de recusar, no agudo dizer de Nancy, tanto o *kosmotheoroi* (na desconstrução da perspectiva ocular do ocidente) como o *kosmopoietes* (na desconstrução da criação enquanto génese, como

⁴¹ Cf. Ginette Michaud, ««Ce qui se dessine...» *L'Aesthétique* de Jean-Luc Nancy en quatre traits», in Gisèle Berkman et Danielle Cohen-Levinas (dir), *Figures du dehors. Autour de Jean-Luc Nancy*, Éd. Nouvelles Cécile Default, 2012, p. 202.

⁴² Cf. Manola Antonioli, «À la limite, le toucher: Jacques Derrida lecteur de Jean-Luc Nancy», in Adnen Jdey (dir), *Derrida et la question de l'art. Déconstructions de l'esthétique*, Éd. Cécile Default, 2011, p. p.463

⁴³ J-L Nancy, «Espaço contra tempo, in *O Peso de um pensamento. A aproximação*, p. 95.

⁴⁴ Idem, *Le sens du monde*, p. 234.

⁴⁵ Cf. Idem, *La création du monde ou la mondialisation*, Galilée, Paris, 2002, p. 34. O seguimento da citação permite esclarecer o sentido de «totalidade», palavra susceptível de reservas para qualquer leitor de Lévinas. Não se trata de um fechamento na circularidade de um cosmos, mas o seu contrário: «Un monde est précisément cela où il y a place pour tout le monde», p. 34.

⁴⁶ Cf. Idem, *Le sens du monde*, pp. 13-20.

de todo o posicionamento ainda onto-teo-lógico) em nome da errância do cosmonauta ou, melhor, do *espacionauta*⁴⁷.

Uma relação se possibilita entre mundo e arte ou mundo como arte: o mundo é uma criação que *toca* e que convoca os *sentidos* do fazer artístico, e que, como tal, invalida a clausura finalizada da obra e da presença. Os sentidos do mundo correspondem a um *désœuvrement*⁴⁸ – em obra e para além dela –, inacabamento constitutivo ou excedência face a toda a finalização económica do sentido⁴⁹. Está no mundo, no coração do mundo, o exterior do mundo, numa exteriorização que dá lugar à *abertura* de todos os sentidos do sentido: abertura para se repensar mundos, no mundo das artes⁵⁰, do político, do espaço que escapa à localização como à denotação. Localização e denotação excedem-se, transbordam-se, no espaçamento e no corpo como filosofemas de Nancy. Corpo e espaçamento, no excesso da sua enunciação, motivam a escrita de Nancy, pensando noutro tom o mundo, o corpo, a arte... Desde logo na alusão bíblica «hoc est enim corpus meum», frase motriz de toda uma reconsideração do corpo na escrita de Nancy. Frase motriz, dizíamos, que envolve e ultrapassa a tentação antiga da denotação de um ‘eis’, de uma presença ou presentificação postas em questão na escrita do filósofo. Uma escrita, a de Jean-Luc Nancy, que tangencia uma história do corpo, mas que a reorienta decisivamente, não a deixando intacta e, desde logo, a partir da herança de *hoc est enim corpus meum*⁵¹. Uma escrita⁵² que resiste ela própria à enunciação – a todo um ‘eis’ demonstrativo, concreto, revelado... – como aos princípios de certeza, *tocando* a sua própria estranheza.

Hoc est enim: eis aí e eis o *aí* – a abertura do espaço como espaçamento ou o signo de uma existência que não há «sem aí, sem um «aqui», «eis», para o *isto*»⁵³. Mas eis também uma espacialidade sem substância ou essência – *epekeinas tes ousia*⁵⁴ –, que se afirma antes como uma efracção da substância e do sentido, assim esvaziado de uma significação – espaçamento como fenda, abertura e partição, o que reclama o diferir permanente

⁴⁷ Cf., Ibid, pp. 64-65.

⁴⁸ Cf. J-L Nancy, *La communauté désœuvrée*, Christian Bourgois, Mesnil-sur-l’Estrée, 1999. Cf. Maurice Blanchot, *La communauté inavouable*, Minuit, Paris, 1983.

⁴⁹ Cf. J-L Nancy, *Le sens du monde*, p.66.

⁵⁰ Dizendo-o com Ginette Michaud, «menos um interesse pelo ‘mundo da arte’ do que pela arte de fazer mundo», «Ouverture», in *Europe*, année 87, n° 960, Avril, 2009, p.205

⁵¹ J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p.159

⁵² ...«cette écriture, donc, se fait elle-même art par la manière [...] de dire l’oeuvre, le souffle surtout de la *cosa volante* qui s’y imprime, ou l’imprégne, en y prenant corps (pictural, graphique, photographique, sonore, dansant).» Cf. Ginette Michaud, «*Ek-phraséis* de Nancy», *Europe*, année 87, n° 960, Avril, 2009, p.231

⁵³ J-L Nancy, *Corpus*, trad. Tomás Maia, Vega, Lisboa, 2000, p.15.

⁵⁴ Cf. Idem, *Le sens du monde*, p.194.

de uma alteridade⁵⁵. A espacialidade em Nancy, como o que permite o seu muito particular pensamento do corpo é esvaziamento da significação como abertura ao outro, onde o corpo traz em si mesmo a sua exteriorização, o seu diferimento e *arealidade*⁵⁶. A *arealidade*, afirmada simultaneamente como suspensão da realidade e propriedade de uma área⁵⁷, giza o *pensamento do corpo como extensão*, im-propriedade (não há corpo próprio porque não há corpo apropriável), abertura instantânea para o exterior. A extensão, o corpo como extensão, quase se constitui como um *incipit* ao pensamento do corpo em Nancy, na leitura fascinada de uma nota póstuma de Freud, que o filósofo repete, num indisfarçado magnetismo: *Psyche ist ausgedehnt, weiss nichts davon*. A paixão de Nancy para com o fragmento freudiano – «A Psyche é extensa, nada sabe disso» – implica um provocador trabalho de inversão de Descartes, pela centralidade desta *extensão* no *pensamento* do corpo e no corpo como pensamento; esta extensão exposta a um tocar que, cingido aos limites de um corpo adormecido ou morto (*que nada sabe disso*), voltado para o seu interior, se mantém afastado da solidão intangível de todo um corpo⁵⁸. Sintetiza Nancy: «O corpo, ou os corpos, que se trata de tocar pelo pensamento, são exactamente isto: corpo de «psique», na dimensão de um não-(querer/ poder)-saber-se»⁵⁹.

O espaçamento, o espaçamento que motiva o pensamento – «E se o pensamento fosse espaçoso?», pergunta suspensivamente o filósofo⁶⁰ –, como que numa «nova lógica do espaço»⁶¹, quase se enuncia a partir da motivação para se repensar, em tantos momentos ao longo da sua escrita, esta apropriação freudiana de Psyche. Nesta personagem se desenha o que, sem se reduzir a local ou localização, se afirma antes, para dizê-lo com Derrida, «um *espaçamento* antes de ser um espaço», na aparente incorporalidade que é, afinal, a abertura nem sensível nem inteligível, numa interrupção que dá lugar à indecidibilidade como marca da originalidade de todo este pensamento do corpo⁶². Mas é também aqui, onde o pensamento se dá à tentativa de uma «onto-topologia», que Nancy engendra a sua escrita com uma especial tomada de distância para com Derrida, ao entregar-se ao movimento exterioriza-

⁵⁵ «Non seulement l'*alter* – l'autre de deux – mais l'*alienus*, l'*allos*, l'autre de tous et l'insensé», J-L Nancy, *La décloison (Déconstruction du christianisme, 1)*, Galilée, Paris, 2005, p.15

⁵⁶ Cf. Idem, *Le sens du monde*, p.58.

⁵⁷ Cf. Idem, *Corpus*, p.42.

⁵⁸ Cf. J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, pp. 22-28.

⁵⁹ J-L Nancy, *Corpus*, p.22.

⁶⁰ Idem, «Espaço contra tempo» in *O peso de um pensamento, a Aproximação*, p. 94.

⁶¹ J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 34.

⁶² Cf. Ibid, pp.38-39.

dor marcado na partícula «ex-» - ex-crita; ex-posição – com a persistência da palavra «sentido»⁶³. Nesta partícula, «ex-», está em desconstrução toda uma narrativa do corpo, do *corpo próprio* da tradição fenomenológica, aqui reequacionado – e destituído de propriedade e de apropriabilidade – em nome de uma exterioridade sugerida pelo próprio ‘eis’ da sua enunciação⁶⁴. Este transbordo face ao terreno da certeza, da e-vidência, da concretude, a este excesso inscrito no mais íntimo, como exterioridade em intrusão, como um *algures «em» mim*⁶⁵, pontua o que Nancy chamará ex-crita:

«A *excrição* do nosso corpo, eis por onde se deve passar, antes de tudo. A sua inscrição-fora, a sua deslocação *fora-de-texto* como o movimento mais *próprio* do seu texto: o texto mesmo abandonado, deixado no seu limite.»; «Chegou o tempo de escrever e de pensar este corpo no afastamento infinito que o faz nosso, que o faz vir a nós de longe, de mais longe que todos os nossos pensamentos [...]»⁶⁶

Debate-se, no *polemos* da diferença filosófica – mas também favorecendo o pensamento com a dinâmica de uma partilha inédita –, o gesto exteriorizador do *cogito ex-cogitado* face à discrição secreta, tumular, da *melancolia* de Derrida. A melancolia afirma-se, neste caso, como uma distância de dupla implicação, no modo como pontua todo o encontro, toda a relação e todo um pensamento da relação em Derrida e, por outro lado, ao quase se constituir como uma espécie de sublinhado na *diferença de tons* marcando a distância entre Derrida e Nancy. Como não contrastar essa melancolia dita *sem idade*⁶⁷ no pensamento e na escrita de Derrida com o rasgo provocador de um pensamento hiperbólico mas reactivo, *exacto*, de certa forma *ridente*⁶⁸ na pluma de Nancy?

Différance e ‘il y a’

A leitura, vigilante e permanente, para com a *différance* de Derrida enfrenta e debate-se com o tom desta espacialidade. O ‘a’ de *différance*, inscri-

⁶³ Cf. Gisèle Berkman, «La «chose-dehors» de la pensée», in Gisèle Berkman et Danielle Cohen-Levinas (dir), *Figures du dehors. Autour de Jean-Luc Nancy*, pp. 444-445. Enquanto filosofema, esta palavra surge no pensamento de Nancy, sob a particular atenção crítica de Derrida, no mesmo plano que a «fraternidade», «comunidade», «generosidade», cada uma marcando um capítulo adicional do diferendo filosófico inerente à sua partilha.

⁶⁴ Cf. J-L Nancy, *Corpus*, pp.5-8.

⁶⁵ Idem, *L’Intrus*, Galilée, Paris, 2010, p.22.

⁶⁶ Idem, *Corpus*, p.12; p.13.

⁶⁷ J. Derrida, *Carneiros. O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema*, trad. Fernanda Bernardo, Palimage, Coimbra, 2008, p.8

⁶⁸ Idem, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 73; p.148.

to na especificidade da concepção de «l'êre-à» de Nancy – no espaçamento de um 'il y a' afirmado como «vinda que vem sem cessar»⁶⁹, e, como tal, nunca assumível como posição ocupada, localização ou situação topológica, afastando-se também de um regime de plena e substancializada presença⁷⁰. A diferença é lida em Nancy como proximidade com os sentidos do sentido, na singular deriva filosófico-literária assumida por esta palavra no labor da sua escrita. Sentido, como quase-conceito em Nancy, diz respeito a um inapropriável sem figuração possível⁷¹, a um exílio face à significação, a uma fuga ao retorno a si da apropriação – sentido como errância incaptável e sem mapeamento... Uma escrita⁷², pois, cuja experiência se vinca num filosofema que mais não faz do que lhe sublinhar, a *extensão*, a *destinação*, a *via rupta* no pensamento de Nancy: a 'ex-crita'⁷³. *Nem palavra nem conceito*, na proximidade de Nancy a Derrida⁷⁴, a *différance* oferece-se ao pensamento de Nancy como *ausentamento sem privação*, ou seja, no rastro de um apagamento marcado na grafia desse 'a' mudo, que a marca enquanto palavra.

Partilhando-se o pensar numa diferença que, longe do preceito da *diaphora*, na memória helénica de Heidegger, se 'ex-creve' em Nancy a partir de um espaçamento como baque, dobra, interrupção do *instante*⁷⁵ na linha do tempo e básculo da inassimilável singularidade do tempo de «de cada vez»⁷⁶. *Excrita* como *gesto para tocar no sentido*, tal como *Corpus* nos dá a pensar desde o início⁷⁷, trata-se realmente de tocar a inapropriabilidade do sentido

⁶⁹ J-L Nancy, *Le sens du monde*, p.27.

⁷⁰ Cf. Ibid, p.28.

⁷¹ Cf. Idem, «O peso de um pensamento», in *O peso de um pensamento, a Aproximação*, p. 24.

⁷² Como, no acento firme da sua própria voz, Nancy nos dizia, sublinhando a partilha da intensidade deste vocábulo – *escrita* – com Derrida, índice do tocar dos seus pensamentos. Jornada de Estudo «Aproximações da «Arte» e do «Político». Em torno de Jean-Luc Nancy/ Approches de l'«Art» et du «Politique». Autour de Jean-Luc Nancy». Coimbra, FLUC, Abril de 2012.

⁷³ Cf. Idem, *Le sens du monde*, p.29. Como se diz, em *Corpus*: «'Escrita' é ainda um nome enganador. O que se endereça assim ao corpo-fora *excreve-se*, como tento escrevê-lo, junto a esse fora ou como esse fora», p.20. Itálico de Nancy.

⁷⁴ Cf. Idem, *Le sens du monde*, p. 57.

⁷⁵ Chamando, uma vez mais, o registo derrideano do instante como cisão, no golpe do testemunho, que o próprio instante possibilita: «...o instante é instantaneamente, no próprio instante, dividido, destruído por aquilo que, no entanto, ele possibilita: O testemunho». J. Derrida, *Demeure, Maurice Blanchot*, Galilée, Paris, 1998, p. 37.

⁷⁶ Cf. J-L Nancy, «Margens, bordos, limites (da singularidade)» in *O peso de um pensamento, a Aproximação*, pp. 133-134.

⁷⁷ Cf. Idem, *Corpus*, p.18.

– de tocar o intocável – navegando uma vez mais nos limites do literário e do filosófico⁷⁸.

‘Il y a’ apresenta-se como um filosofema que não apenas transporta a singularidade de Nancy como também regista, a um tempo, a sua proximidade e o seu afastamento idiomático das grandes filosofias da *evasão* do ontológico. Diz-se esta palavra, este filosofema, tanto no comum do ‘il y a’ como no silencioso sublinhado do ‘y’ desse ‘il y a’, que pouco tem a ver com o desígnio da mesma palavra na filosofia de Lévinas⁷⁹. Um silencioso sublinhado, dizíamos, que vinca o espaço e a sua quase neutralização – arealidade – no seu espaçamento. Escreve a este respeito Nancy:

«‘No mundo’ está a constituição inteira, o ser, a essência e identidade da *explosão* absoluta de existir. E esta constituição inteira dá-se de um golpe, em *o mundo*, como vinda do ser antes de si mesmo [...]»⁸⁰

Sublinhamos o termo ‘explosão’ [l’*éclat*], aqui posto em jogo como uma espécie de interrupção fracturante de um existir sem totalidade, singular, *exactamente*⁸¹ coextensivo ao mundo e, como tal, à pluralidade de mundos em *o mundo*. Neste modo peculiar de se entender – e, mais do que entender, lançar, pôr em jogo – o nascimento do ser-*aí* do mundo⁸², encontramos-nos perante a fragmentação de uma *ipseidade* dada na heterogeneidade *explosiva* do sentido do mundo em Nancy. O mote da criação, o nascimento sem Génesis⁸³, sustenta um pensamento outro das artes, como todo um léxico político, ético, religioso, onto-fenomenológico que importa desconstruir. O ‘il y a’, tal como o pensa Nancy, debate-se seja com o *es gibt sein*, de Heidegger, como com o *il y a* de Lévinas, distinguindo-se de um e de outro ao conferir uma espacialidade movente, des-locação como des-localização diferencial no elemento espaço-temporal ‘y’⁸⁴.

⁷⁸ Cf. Hugo Monteiro, *A literatura nos limites da filosofia*, Palimage, Coimbra, 2013; Cf. ainda Gisèle Berkman, «La «chose-dehors» de la pensée», op. cit., p. 448.

⁷⁹ De Lévinas, como do próprio Neutro em Blanchot, tendo em conta a aproximação dos dois sincategoremas no registo destas duas escritas. Cf. E. Lévinas, *Ética e infinito*, Ed 70, Lisboa, 2000, pp. 39-44.

⁸⁰ J-L Nancy, *Le sens du monde*, p. 233. Nós sublinhamos «explosão»; os restantes itálicos são de Nancy.

⁸¹ Cf. Ibid, 234; Cf. ainda J Derrida, «Prière d’insérer» in *Le Toucher*, Jean-Luc Nancy.

⁸² Cf. J-L Nancy, «L’«éthique originaire» de Heidegger» in *La pensée dérobée*, p. 93.

⁸³ «[...] ce qui naît dans la naissance n’est pas d’abord de produit ou l’engendré d’un auteur ou de parents, mais précisément, ce qui naît c’est l’être en tant que rien ne le pose et que tout l’expose, l’être toujours singulier», Id, «Monde», in *Le sens du monde*, p. 235.

⁸⁴ Cf. Ibid, p. 237.

É crescente e desarmante a atenção para com este ‘y’ em ‘il y a’, tanto na sua energia deslocalizadora (menos um ‘aí’ do que um ‘desde aí’) como pela atenção conferível ao traço da própria letra⁸⁵, como que atestando o sensualismo da escrita de Nancy. No ‘y’, de ‘il y a’, Nancy realça a conformidade com o traço que a desenha – como se correspondesse à «execução do gesto do seu desejo»⁸⁶:

«y – é uma bifurcação, ser aí [y être] é ser no nascimento da ramificação, no cruzamento dos caminhos, vindo de uma direcção anterior à qual não há como regressar, que não é mais uma direcção mas um traço prestes a apagar-se»⁸⁷.

Nem no modo de *ser* nem no modo presente de um *aí*, como se dizia em *O peso de um pensamento*⁸⁸, este ‘y’ surge «no modo de nascer», sem esquecer a ocultação de presença aposta a esta ideia de nascença.

Reconhece-se, pois, a singularidade de um pensamento que, no seu aparente imanentismo, dá a pensar novamente a imanência enquanto questão, fora de uma imanência que se dá à/em desconstrução. O espaçamento, como a abertura da letra ‘y’, designam um novo engendramento do *humano* (*humanidade* que é preciso sublinhar, em nome do desenvolvimento de um próximo capítulo do diferendo entre Derrida e Nancy) fora do encadeamento etimológico da palavra ‘húmus’, já *inumando* ou territorializando o próprio do homem, mas também fora da vocação religiosa que o prometia aos além-mundos, já *exumando* o seu existir terreno e espacial⁸⁹. Em tudo isto se desenha o que, não sem as reservas de Derrida⁹⁰, Nancy designa por *desconstrução do cristianismo*, reconhecendo-se na abertura contemporânea do pensamento um «exterior do mundo» inscrito no seu próprio interior⁹¹ – e como não lembrar, nesta tangência, a procura derrideana em «*transliterar o mundo em plena noite, somente no escuro*»?⁹² – o que convoca um movimento de *desclausura* ou *abertura de enclave, elevação de clausura*, que

⁸⁵ Cf. Florian Forestier. «Entretien avec Jean-Luc Nancy (1): autour de Dans quels mondes vivons-nous?», *Actu Philosophia*: <http://actu-philosophia.nuxit.net/spip.php?article376> (Última consulta em 24/3/2013).

⁸⁶ J-L Nancy, *Le plaisir au dessin*, Galilée, Paris, 2009, p. 36.

⁸⁷ Cf. Florian Forestier, «Entretien avec Jean-Luc Nancy (1): autour de Dans quels mondes vivons-nous?», *op. cit.*

⁸⁸ J-L Nancy, «Nascer para a presença» in *O peso de um pensamento, a Aproximação*, p. 117.

⁸⁹ Cf. Idem, «Monde» in *Le sens du monde*, p. 238.

⁹⁰ Cf. por exemplo J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, pp. 117 e sgs.

⁹¹ J-L Nancy, *La décloison (Déconstruction du christianisme, 1)*, p. 15.

⁹² J. Derrida et C. Malabou, *La contre-allée*, La Quinzaine Littéraire/Louis Vuitton, Paris, 1999, p. 23.

não eliminação do seu fecho ou desvendamento da sua obscuridade, no intraduzível termo nancyano de «*déclousion*»⁹³. O ‘y’ em ‘il y a’ diz também respeito ao espaçamento que, *nem* terreno *nem* celestial, marca e espaça os sentidos do sentido ou, no dizer de Nancy, vincando-se o espinoseanismo da sua abordagem:

«*Il y a*: le sens est là. On ne peut plus avoir affaire à des antinomies de l’origine, ni à une assumption de l’origine en vérité – fût-elle vérité d’une division d’origine –, quoique rien de tout cela ne soit invalidé : mais le sens de tout cela, le sens de la philosophie en sa fin, c’est que le monde est l’origine, et que la mondialité du monde, en tant qu’existential absolu, épuise tout son sens fini – l’épuise, c’est-à-dire l’ouvre infiniment. *Mundus patet.*»⁹⁴

Regressemos à carta escrita a Jean-Pierre Rehm e à constatação de Nancy: «estes filmes trazem consigo um luto demasiadamente próximo».

O que é, como se formula filosoficamente, um luto *demasiadamente próximo*? Antes de mais confessando a distância com que a filosofia se posiciona face ao luto, neutralizando-o em nome de uma representação.

A representação, na modalidade de presença que a caracteriza em sede filosófica, deixa a morte do próximo, do amigo ausente, a distância segura – de certo modo expiando a vulnerabilidade do discurso, da palavra, face ao traumatismo de um desaparecimento.

Figurações do infigurável... como figurar? No plano da imagem, para onde esta questão mais intuitivamente (mas também mais superficialmente) nos remete, reclama-se o sentido aparentemente paradoxal de uma «distância íntima» - distância e intimidade que, no pensamento de Nancy, se afirmam de uma só vez como condição do tocar (d)a imagem⁹⁵, quase traduzindo o que é preciso (*il faut*) figurar, mas que fatalmente mantém a distância à distância. A imagem é apresentação, sem representação, do mundo que se abre no acontecer dessa obra⁹⁶, perpétuo *désœuvrement* do mundo e da obra, do mundo como obra. Tal desenho filosófico, nos limites da filosofia, ressoa no trabalho de Nancy, cuja probidade se antecipa no reduto das artes e do seu pensamento. A arte – a pluralidade do que artificialmente se diz no singular ‘Arte’ – alberga em seu nome a irredutível pluralidade das artes⁹⁷, cuja contaminação não obnubila o registo interminável da diferença. Remete ao que

⁹³ Cf. *Ibid.*, p. 16

⁹⁴ J-L Nancy, *Le sens du monde*, p. 242. Itálicos de Nancy

⁹⁵ Cf. *Idem*, «A aproximação» in *O peso de um pensamento, a Aproximação*, p. 127.

⁹⁶ *Idem*, *Las musas*, trad Horacio Pons, Amorrortu, Buenos Aires, 2008, p. 59.

⁹⁷ Cf. *Ibid.*, pp. 11-58.

Nancy designará por «infância dos sentidos e do sentido», o que é o mesmo que dizer o nascimento do mundo no eclodir singular de cada traço artístico⁹⁸. Toda uma palavra inaugural tem lugar, novamente, na obra. Os sentidos interrompem, ilimitam, reposicionam o sentido que, como a própria arte, se deixam dizer num singular problemático: a abertura do sentido é plural, in-finitamente pluralizada, sendo que cada deflagração desse plural se inscreve de modo incisivo, protésico, no coração do sentido. O sentido *ex-prime-se*, lançado ao exterior incapaz de fechar-se que não lhe permite fechamento ou solipsismo, mas antes espaçamento e abertura: o sentido, ou diferença *ex-posta*. O *tom* da desconstrução, na partilha e distância de Derrida a Nancy, envolve também – *dir-se-ia*, com todas as aspas, «naturalmente» – a atenção pensativa para com as artes e o artístico.

«Um tom, sim, uma ressonância singular, irreduzível a qualquer outra [tout autre]»⁹⁹. Acerca de Derrida, da aproximação de Derrida às artes e ao artístico, Nancy assinala essa espécie de mudez irreduzível que, sem sombra de evitamento, pautou a atenção derrideana sobre a obra (de arte). Um tom que, na justa leitura de Nancy, subtrai a calma conceptual de um vocábulo maiúsculo – Arte – aí, onde um desejo suspensivo reabre o pensamento das artes e todos os seus instituídos, num golpe lançado como «modo de pôr um fim ao suporte estável, logo à arte e ao Museu, ao estado estático da obra de arte e ao Estado como tal»¹⁰⁰. O clamor *an-árquico* da desconstrução planando e suspendendo o instituído, o institucional, como todo o horizonte estático ou Estático. Um tom pluralizador que, neste reconhecimento de Nancy, traduz também uma cumplicidade exercida, não sem o *polemos* dos pensamentos, como afirmação das artes sobre a Arte; em Nancy, para o dizer com Ginette Michaud, as artes são «tudo menos Arte»¹⁰¹, como forma indominável de fazer ressoar um outro mundo no mundo¹⁰². Uma ressonância inapaziguável, cuja sempre singular *vibração* indistingue, aproxima e co-implica as dimensões filosófica, estética e política da escrita de Jean-Luc Nancy. Na tangente de um encontro, nas escritas de Derrida e de Nancy, distância abissal no próprio coração do contacto.

⁹⁸ J-L Nancy, *Le plaisir au dessin*, p.71. Como dirá Nancy, em entrevista a Ginette Michaud, «L'art (la pensée, l'amour...) ne promet pas: il donne, il donne la forme, c'est-à-dire le mouvement sans fin de sa (trans)formation», «Le désir des formes» in *Europe*, op. cit., p. 209.

⁹⁹ Jean-Luc Nancy, «Éloquents rayures» in *Derrida et la question de l'art*, op cit, p. 16.

¹⁰⁰ J. Derrida, *Artaud le Moma*, Galilée, Paris, 2002, p. 27.

¹⁰¹ Ginette Michaud, «"Ce qui ce dessine..." L'Aesthétique de Jean-Luc Nancy en quatre traits», op. cit., p. 187.

¹⁰² Cf. Jean-Luc Nancy, *La création du monde ou la mondialisation*, p. 35.

3. Figurações do infigurável

Tocado pela imagem de Derrida. *Tocado*, isto é, exposto, como todo o contexto da missiva nos murmura, a uma quase insuportável ambivalência: por um lado, um “luto demasiadamente próximo”; por outro, a *consolação* permitida pela partilha da memória, na palavra que perpetua ou presentifica um passado quase visível¹⁰³. Fala-se da imagem e do seu evitamento, na confissão de Nancy desse sentimento de ambivalência para com uma imagem que, na fidelidade possível, devolve o amigo próximo ao sublinhar o vinco insolúvel da sua ausência, uma imagem que assim se formula como traço do impossível, na insustentável morte do Outro próximo, mas reduto fiel do gesto intacto, da voz que o perpetua e lhe sobrevive. Ambivalência, pois, de Nancy para com a imagem de Derrida, mas também reiteração de um encontro entre pensamentos que se tocam, na imensidão problemática em que *o tocar* se dá a pensar. Na lonjura próxima destes dois pensamentos.

A imagem transporta a memória do fim, falando-nos sempre da morte. Retomamos, a este propósito, a cena da efígie suspensa de ‘l’inconnue de la Seine’, máscara mortuária de uma jovem desconhecida que frequenta a escrita de Maurice Blanchot, em *Une voix venue d’ailleurs*¹⁰⁴. Esta escultura, cujo sorrir discreto incendeia o mistério velado da morte, expõe a própria impenetrabilidade mortal, tendo no sorriso o registo suave de uma quase ironia. Percebe-se que seja a máscara, mais precisamente a máscara mortuária, o exemplo pelo qual Heidegger se deixa tomar, provavelmente afectado pelo conjunto de fotografias que, compiladas sob o nome de ‘O rosto eterno’, perfazem a colecção do Schiller National Museum, decorria o ano de 1926. Entre estas máscaras, surgia ‘l’inconnue de la Seine’, juntamente com Newton, Cromwell ou Beethoven. A concorrer para a atenção de Heidegger, mas também para a atenção de Nancy face à leitura (e ao silêncio) de Heidegger, não apenas a questão da representação da representação (a foto da escultura), mas o rosto mortal expondo o olhar que não vê: expondo a visão da cegueira, no olhar esvaziado que é, também, rastro de um passado feito presente, na *distância da imagem*.

Distância de imagem

Nancy, no cuidado de acautelar todo o seu repensar dos sentidos do sentido face a um rumo *aletheiológico* de desvendamento de verdade, reclama

¹⁰³ J-L Nancy, «Penser à vue. Jacques Derrida. Lettre à Jean-Pierre Rehm, le 24 juin 2005» *op cit.*

¹⁰⁴ M. Blanchot, *Une voix venue d’ailleurs*, Gallimard, Paris, 2002.

toda uma reserva a ter para com toda a postura fenomenológica, incluindo-lhe a reorientação ontológica heideggeriana¹⁰⁵. Esta reserva, implícita à singularidade de uma intensa e singular leitura do pensador da Floresta Negra, dedica atenção particular à imagem, cujo *fundo* é necessário repensar em profundidade. Necessário será devolver ao pensamento da imagem o poder de subversão face a uma circularidade onto-fenomenológica, em nome de uma infigurabilidade a que Nancy chamará, fiel a uma lógica de *espaçamento* e de *abertura*, «transimanência»¹⁰⁶.

Distinguindo a imagem como ‘Bild’ – ou aspecto posicional de algo – da imagem que, na herança do ‘imago’ latino, remete para a representação da morte, Nancy posiciona a meditação sobre a imagem de Heidegger como ultrapassagem da ingenuidade mimética¹⁰⁷. Na leitura de Nancy, a abordagem onto-fenomenológica de Heidegger não apenas mobiliza uma reflexão sobre a imagem como desvendamento/ desvelamento, como reposiciona toda a questão do olhar. Olhar uma imagem é, a partir de Heidegger, *ser olhado pelo olhar da imagem*. A imagem faz-se ver, oferece-se à vista *vendo*, isto é, mostrando a sua própria mostraçã¹⁰⁸. Tanto a dita imagem primeira, como a reprodução, ex-põem a própria mostraçã, dando-se à visã como um ver em si mesmo: «le visible se presente en voyant»¹⁰⁹. A imagem é então (o)posta ao olhar e aberta *como* olhar – *como*, ou copiando (abbild) ou retratando o acto e o gesto de olhar. Imagem e verdade reencontram-se num contexto *aletheiológico*, na dialéctica vendamento-desvendamento que a pena de Heidegger reposiciona sem suprimir.

A atenção de Heidegger recai sobre a cópia da imagem pensando o seu estatuto quanto à imagem primeira, mas recorrendo a um exemplo que, no lugar de ilustrar, complexifica: uma foto tirada a uma máscara mortuária, que, no registo de uma certa tradição mimética, poderia definir-se como cópia de cópia do invisível último. Este exemplo apela a toda uma renovada meditação sobre o olhar que nos olha na imagem. Arriscaríamos vislumbrar aqui já o caminho de uma certa espectralização, na ultrapassagem do que se não pode resumir a uma perspectiva ocular, como se uma cegueira – do olhar cadavérico que olha, no olho tumular da máscara – sincopasse a visã. Daí que Nancy remeta a uma cegueira que suplementa a visã, *suscitando a possibilidade da imagem*¹¹⁰. Ao mesmo tempo limite e enunciado de toda a mostraçã, a máscara retira-se no seu aparecer, dando a ver o próprio reduto

¹⁰⁵ Cf. J-L Nancy, *Le sens du monde*, p. 32.

¹⁰⁶ Idem, *Las musas*, p. 52.

¹⁰⁷ Cf. Idem, «L’imagination masquée» in *Au fond des images*, pp. 155-156.

¹⁰⁸ Cf. Ibid, pp. 156-157.

¹⁰⁹ Ibid, pp. 158-159.

¹¹⁰ Cf. Ibid, p. 170.

da invisibilidade. Como dirá Nancy, «a mostraçãõ faz-se na dissimulaçãõ e da dissimulaçãõ ou da desapareçãõ»¹¹¹.

Heidegger percorre o seu próprio limite, ou o limite de uma onto-fenomenologia, ao dizer e silenciar no mesmo gesto a retracção/retraçagem, a retirada do olhar esvaziado, o mostrar-se do i(nde)mo(n)strável¹¹², a excedência face à fenomenologia no rastro de uma irreduzível alteridade. Nancy apela frequentemente, no alcance de uma lonjura que nos toca, à «distância íntima» da imagem: *distância e intimidade* que se sustentam como condição do tocar (d)a imagem¹¹³. O tocar que, quanto à imagem (e no exemplo da fotografia), é um tocar retráctil, que deixa intacto tudo o que toca, na tangente de um *ai*¹¹⁴ – uma vez mais o espaçamento e o ‘il y a’ de Nancy. Assegurado o desalcançe desta intimidade, a lonjura em que essa intimidade se posiciona e se espaça, *ai*, na imagem, um tocar enuncia-se fora da visibilidade como do próprio tacto. *A imagem e o texto*¹¹⁵. Para lá, pois, de qualquer origem, a obra de arte.

Espectrologias

Perante uma tradição iconoclasta, em que a recorrente subalternização ou mesmo, num aparente contrário, a episódica valorização da imagem são gestos de recíproca coerência de anulação do seu reduto, a imagem transborda furtivamente as fronteiras dos seus mais instituídos discursos. A imagem reclama, também ela, uma *força fraca*¹¹⁶. Uma força que dita a sua retracção face à ontologia, face à filosofia que se debruçou *sobre a imagem e em vez da* imagem, como numa cena de esconjuração que sobrepusesse a debilidade da imagem face à força da filosofia¹¹⁷. Subtraída dessa força filosófica, isto é, do poderoso magnetismo exercido pela tentação do ser e do saber, a que já Lévinas aludia como “tentação da tentação”¹¹⁸, a imagem oculta-se também, no ímpeto da sua força fraca, do domínio teórico do ver, que se impõe na sua tradição pensante: antes do ser, do ver e do saber, o traço, ou o que

¹¹¹ Ibid, p. 174.

¹¹² Cf. Ibid, p. 175.

¹¹³ Idem, «A aproximação» in *O peso de um pensamento, a Aproximação*, p. 127

¹¹⁴ Ibid, p. 128

¹¹⁵ Cf. Ibid, «L’oscillation distincte», in *Au fond des images*, p., p. 144.

¹¹⁶ Aludimos, na ousadia de uma deslocalização, à desconstrução da soberania que, concretamente em *Vadios* (trad Fernanda Bernardo, Hugo Amaral e Gonçalo Zagalo, Palimage, Coimbra, 2009, p. 34), Derrida descreve como «força vulnerável» ou «força sem poder».

¹¹⁷ J. Derrida, *Chaque fois unique, la fin du monde*, Galilée, Paris, 2003, p.181.

¹¹⁸ Cf. Fernanda Bernardo, *Levinas Refêem. A assinatura ético-metafísica da experiência do cativo*, Palimage, Coimbra, 2012, p. 35.

entre escrita e imagem, tanto na escrita *como na* imagem, se dá como outro nome da experiência¹¹⁹. A imagem vive então de uma espécie de retraimento que, esvaindo o seu corpus do corpus filosófico, redonda numa espécie de força excessiva, transbordando o registo disciplinar que a esconjura – a imagem rechaça a *imagética*, vivendo no limite do que a confina a um reduto disciplinar ou a um circuito de saber. A imagem, se de imagem ou de artes da imagem falamos, mas também toda a arte, todas as artes – sendo a “Arte” o nome provisório de um singular-plural¹²⁰ – traz em si mesma uma diferença intrínseca, que a filosofia não pode apropriar¹²¹.

Derrida pensa essa força ténue da imagem como cintilação teimosamente erigida para lá do filosófico, como tremor da força soberana da ontologia que se constrói no seu lugar, como “interrupção absoluta da força pelo sem-força”¹²². O trabalho do luto como bafejo da morte sem antecipação é o amor e amizade, como *paixão e paciência e cultivo*, que, no coração da imagem, concebe a sua força como limite da força do ontológico. Trata-se de uma deslocação do plano da imagem e, uma vez mais, do *ponto de vista*: a opacidade da morte engendra-se no retrato como cortina de obscuridade eminente; no retrato, para lá de qualquer representação, a morte é visível e vê, reinstaurando – ou pondo em causa – todo um paradigma da visão. Fora do visível, do teoretismo como regime de visibilidade, é outra esta visão, aqui desarticulada de todo o processo económico – e mimético – da representação. A imagem comporta o absoluto de uma alteridade, na morte, que vê e se vislumbra no plano da imagem, no quase-retrato, na visão cega do invisível.

Palavra, imagem, tela ou partitura, o alcance artístico e político, *tanto artístico como político*, evidencia-se a um só golpe no registo desta *espectrologia*¹²³. Um registo em que a desconstrução como pensamento da *vez*, da

¹¹⁹ Diz Derrida, no enunciar de um longo problema: Pour moi, il y a trace dès qu’il y a expérience, c’est-à-dire renvoi à l’autre, différence, renvoi à autre chose, etc. Donc partout où il y a de l’expérience, il y a de la trace, et il n’y a pas d’expérience sans trace. Donc tout est trace, non seulement ce que j’écris sur le papier ou ce que j’enregistre dans une machine, mais quand je fais ça, tel geste, il y a de la trace. Il y a du sillage, de la rétention, de la protention et donc du rapport à de l’autre, à l’autre, ou à un autre moment, un autre lieu, du renvoi à l’autre, il y a de la trace. «Trace et archive, image et art. Dialogue avec Jacques Derrida». Collège iconique. INA. 25/06/2002.

¹²⁰ Alerte-se para a importância deste singular-plural no todo do pensamento de Nancy. Desde logo quando nos ensina que o singular-plural é simultaneamente lei e problema tanto da *arte* como do *sentido*. Cf. *Las Musas*, p. 26; *L’être singulier pluriel*, Galilée, Paris, 1996.

¹²¹ J-L Nancy, *Las Musas*, pp. 47-48.

¹²² J. Derrida, *Chaque fois unique, la fin du monde*, p. 183.

¹²³ Cf. Fernanda Bernardo, «Croire aux fantômes. Penser le cinéma avec Jacques Derrida», in *Derrida et la question de l’art*, op cit, pp. 397-418.

vez da *primeira e última vez*, irrompe na proliferação dos espectros que, assombrando o reduto da experiência, ressurgem de um presente passado, povoam os dispositivos de reprodução tele-tecnológica¹²⁴ e desafiam toda uma orgânica temporal, na sua mais tradicional arrumação. O espectro, morto-vivo, nem morto nem vivo, assombra todo o reduto da experiência, surgindo quase-presente no *aqui- agora* da imagem, da tela, da voz e do texto; um *aqui- agora* repetível como a voz de Eco e de cada vez única e inaudita, singular, como a *vez* na voz de Eco. E é o presente que se promete, desdobrando-se no seu endereçamento a um por vir que lhe dará vez e lugar, presente votado à lei de um futuro anterior, numa *fenomenologia espectral* que excede todo o fenomenológico, toda a fenomenologia do «presente vivo» e toda uma onto-fenomenologia da presença e da representação. Interrompendo escatologia, excedendo o *telos* de qualquer teleologia ou de qualquer fechamento circular do reduto do tempo, o espectro faz valer a lei do seu regresso, ele «figura *ao mesmo tempo* [*à la fois*] um morto que revem e um fantasma cujo esperado regresso repete-se, ainda e ainda»¹²⁵.

Admitindo-se o enorme endividamento para com todo o pensamento onto-fenomenológico, reconhece-se também a clausura deste registo ao que precede e excede o fenómeno, ou seja, à sua vinda, ao seu ter-lugar como abertura, para lá da visão do *phainen*¹²⁶. Este para lá do onto-fenomenológico terá, em Derrida, uma formulação fantasmática, como excedência face ao aparecer e resistência face ao acto de apropriação. O espectro furta-se aos moldes do aparecer fenomenológico que ditou tendência na contemporaneidade filosófica, mesmo que inscrito, em silêncio, na forma fenomenal como no ego fenomenológico. Mesmo furtando-se aos moldes do puro aparecer, há uma constituição espectral subentendida no *phainestai*, raiz grega partilhada por Husserl e Heidegger, como possibilidade do espectro¹²⁷. O “phan-“, elemento comum a *fantasma* e a *fantasia* que, como já em *Glas* se desenvolve, se endereça à articulação mais genérica do termo *phainesthai*, espectraliza a própria fenomenologia, inscreve-se no próprio fenómeno¹²⁸. O que não deixará de ressoar de modo particular numa fenomenologia da imagem como uma certa “irrealidade” atravessando e assombrando a manifestação

¹²⁴ Cf. J. Derrida ; B. Stiegler, *Échographies de la télévision*, Galilée, Paris, 1996.

¹²⁵ J. Derrida, *Spectres de Marx*, Galilée, Paris, 1993, p. 32.

¹²⁶ Idem, *Chaque fois unique, la fin du monde*, pp. 33-34.

¹²⁷ Idem, *Spectres de Marx*, p. 215.

¹²⁸ «Mas é preciso dizer aqui o fenómeno como *fantasma*. Refiramo-nos de momento à afinidade semântica e etimológica que associa o fantasma ao *phainesthai*, à fenomenalidade, mas também à espectralidade do fenómeno. Phantasma é também o fantasma, o duplo ou o espectro.» J. Derrida, *O monolingüismo do outro*, p. 40

ou modo de aparecer do fenómeno¹²⁹. O espectro, nem visível presente nem invisível ausente, para lá do aparecer do fenómeno mas já presente no *phainestai* que a tradição silenciou – *visível ausente e invisível presente*, morto-vivo ou fantasma.

No seu alcance, tanto artístico como político, o reduto desta espectrologia convoca um princípio de resistência: i) Resistindo-se, desde logo, a uma tentação analítica como à circularidade de uma interpretação no horizonte do mundo, pela inalcançabilidade imprevisível do evento na experiência como provação, tal como Lévinas já havia há muito anunciado¹³⁰; ii) Resistindo-se, dando lugar e vez à resistência – do Outro absoluto, da sua experiência sem reapropriação, do seu excesso transbordando o direito, a moral, a política e assim reequacionando todas as suas coordenadas filosóficas¹³¹; iii) Resistindo-se, no incapicável fremir da responsabilidade pelas vozes de muitas heranças, que apelam à fidelidade da reinvenção, à “apropriação amante e desesperada da língua”¹³², à escrita como *revolução interminável*¹³³; iv) Resistindo-se, em suma, a mundo, horizonte, visão e pre-visão, ante o apelo liminar de uma lei do espectral, estranha e sob suspeita face ao reduto onto-fenomenológico que, justamente, logrou mitigar, esconjurar, dar caça ao espectro na presença-ausência da sua lei¹³⁴.

Em intensidades bem distintas, o modo pensativo desta espectrologia reparte-se entre Derrida e Nancy, ainda que a escrita de Nancy não assuma toda a extensão do filosofema. Reparte-se, na partilha que Nancy pensa de modo tão particular – e tão particularmente enredado na estratégia lexical de uma *desconstrução do cristianismo* –, que ressurgue de modo plangente na curta missiva já citada ao visitar-se o tom interrompido de um debate, no que Nancy pronuncia como «ressurreição», como «eternidade»... em modos distintos de se conviver filosoficamente com o exterior de um tempo cronológico, com um tempo *fora da medida do tempo* como tempo da desconstrução.

¹²⁹ Idem, *Spectres de Marx*, pp. 215-216.

¹³⁰ Leia-se, por exemplo, a crítica levinasiana da “primogenitura filosófica da autonomia” como tom da ocidentalidade, aqui já contraposta à transcendência absoluta de uma heteronomia, que a palavra “experiência” convoca. Cf. E. Lévinas, «A filosofia e a ideia de infinito», in *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*, trad. Fernanda Oliveira, I. Piaget, Lisboa, 1997, pp. 201-203.

¹³¹ Cf. J. Derrida ; B. Stiegler, *Échographies de la télévision*, pp. 29-30.

¹³² J. Derrida, *O monolingüismo do outro*, p. 48.

¹³³ «Se eu tivesse inventado a minha escrita tê-la-ia feito como uma revolução interminável» J. Derrida, *Aprender finalmente a viver*, trad. Fernanda Bernardo, Ariadne, Coimbra, 2005, p. 31.

¹³⁴ Cf. J. Derrida; B. Stiegler, *Échographies de la télévision*, p. 30.

4. Imagem e luto: a distância da melancolia

«...Des ombres de mélancolie, aussi, que la fatigue par moments faisait passer sur lui»

J-L Nancy

«Penser à vue, Jacques Derrida». Assim se intitula a missiva de Nancy, que temos vindo a questionar.

Ao justificar a sua ausência, declinando um convite particularmente doloroso, Nancy revisita também a diferença no luto, através de uma pequena carta que, bem para lá da circunstância mas com todo o peso da gravidade da circunstância, vinca o pensar, duplamente enlutado, em que a imagem se dá ao pensamento. Nancy pensa em torno da imagem, de *uma* imagem, *esta* imagem do amigo ausente cujo texto, como a voz povoando a memória *sem* imagem, se confrontou tão frontalmente com o *tocar do intocável na* imagem – para lá, bem para lá da aliança entre o tacto e a visão¹³⁵, tal como se veicula na tradição de uma filosofia da imagem.

A palavra, como a imagem, traço a traço na distinção contaminável de cada traço, convocam e quase figuram a cena impossível do luto¹³⁶. Uma *cena*, que não um *trabalho*, na crítica de Nancy ao que considera a aversão da filosofia ao luto, e, daí, a recorrência filosófica em tratar o luto como afastamento, como distanciação face à morte na sua representação: «Mas o luto – obsta Nancy – é sem limites e sem representação. É lágrimas e cinzas. É: nada recuperar, nada representar»¹³⁷. Figuração do infigurável, cada traço contém em si mesmo o que o desvia de toda a representação, como de toda a apresentação – todas as formas de dominação das filosofias da presença, todos os redutos medusantes de um teoretismo clarividente e dominante. Permanece a vulnerabilidade, que se impõe contundentemente na imagem, na palavra, sem a mediação da abordagem teórica, mas antes expondo a irrecuperabilidade de uma presença desejada, procurada, no momento irrepetível que sobrevive no seu reduto. O outro, irrecuperável, traz na sua imagem o traço desse instante perdido, lapso no tempo que a imagem devolve como momento sem regresso, e que por isso mesmo convoca um outro pensamento da imagem, da figuração, da presença, do luto... que, de desconstrução a desconstrução, entre Derrida e Nancy, se pensou – se vem pensando – de modo singular. Sob o signo de um «*vem*» como traço da anterioridade do Outro,

¹³⁵ Cf. J. Derrida, *Le Toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 55.

¹³⁶ Mireille Calle, «Du deuil photographique dans quelques textes de Jacques Derrida» in *Derrida et la question de l'art*, op cit, p. 346.

¹³⁷ Jean-Luc Nancy, «Nascer para a presença» in *O peso de um pensamento. A aproximação*, p. 116.

que é preciso acolher na distância afirmativa – e dolorosa – de um «*vem*» como palavra à distância.

«Penser à vue, Jacques Derrida», como se intitula a carta citada (de certa forma já traindo o endereçamento singular de uma missiva, que não tem título), põe desde logo em causa o estatuto de um título e a sua duplicidade. Exterior à pequena carta, posicionado fora do enquadramento em que esta pequena nota se reproduz, é como se fosse um título atribuído por outrem, por uma terceira pessoa que, à revelia de destinador e destinatário, tivesse colocado a missiva sob a tutela dessa frase, desse «Penser à vue, Jacques Derrida». Um título apostado ao escrito, *a posteriori*: já na posteridade, como que póstuma e duplamente enlutada ao transportar o testemunho de um luto a fazer, de um sobrevivente que fala da imagem e perante a imagem do amigo ausente. A duplicidade deste título, portada neste «penser à vue», reclama a desconstrução do ver e da visão partilhada entre signatário e, no fim de contas, o seu destinatário real e ausente, Jacques Derrida. Reclama, por outro lado, a lonjura de uma dedicatória no registo audível, apenas audível, num étimo de afastamento respeitoso – ...à vous, Jacques Derrida. ‘À vous’, como se nesta remissão se figurasse a perda de uma intimidade, outrora indiciada na familiaridade de um tratamento por ‘tu’, que tão bem Derrida pensou a partir de Blanchot¹³⁸, a quem, como se sabe, quase ninguém, exceção feita a Lévinas, tratou por ‘tu’¹³⁹. Tendo em vista e vendo (penser à vue) uma ausência apartada (penser à vous), na restança dolorosa de um passado que se ex-põe quase intacto («et je les aime [ces images] parce qu’elles n’ont rien perdu de lui»¹⁴⁰), mas que também intensificam o afastamento, ao ponto de abdicar da intimidade outrora indiciada na cumplicidade de um ‘tu’, no luto a fazer ante a ausência derradeira. ‘À vous’ – a experiência da imagem intensifica e impõe, tenazmente, a ausência do próximo que, mesmo a presença, devolvida no traço de uma imagem, já impunha como certa – a morte, no íntimo secreto de toda a relação.

Para lá de qualquer familiaridade, ameaçando, senão rasurando, o espaço seguro do que domesticamente se concebe como proximidade, a amizade de pensamento entre Derrida e Nancy só pode implicar o rasgão irredutível da diferença, constitutiva da amizade que é – como o é, neste registo, todo o reduto da *philia* filosófica – assimetria, contenda, alcance de um encontro entre único e único. Reafirma-se, pois, quando em questão se encontra Derrida

¹³⁸ Cf. J. Derrida, *Parages*, p. 24; pp. 44-108.

¹³⁹ «Emmanuel Levinas, le seul ami — ah, ami lointain — que je tutoie et qui me tutoie [...]» M. Blanchot, «Pour l’amitié», *La condition critique. Articles 1945-1998*, Gallimard, Paris, 2012, p. 478

¹⁴⁰ J-L Nancy, «Penser à vue. Jacques Derrida. Lettre à Jean-Pierre Rehm, le 24 juin 2005», op. cit.

e Nancy, no encarar da sua dissimetria, o que, já lendo Heidegger, Derrida assume:

«Opôr-se ao amigo, abandoná-lo, desafiá-lo, não o escutar, é ainda escutá-lo e guardá-lo, trans-portar ao pé de si, *bei sich tragen*, a voz do amigo.¹⁴¹»

A afirmação em amizade, como já Blanchot sustentou, é *o próprio abismo dos laços*, que sempre a mantêm¹⁴². Não há relação plana, simétrica, de harmonioso ou complementar equilíbrio, já que toda a relação se articula no alcance de uma morte anunciada: entre um e outro, um verá morrer o outro, um transportará o peso do seu luto, na certeza asfixiante da finitude. A morte, por vir, paira por sobre o encontro – atravessa-o – desarticulando-o, desequilibrando-o, mas dando-lhe ao mesmo tempo lugar: cruza o discurso antecipando uma ausência em si mesma inanticipável, como todo o evento, singularizando, mas trazendo ao mesmo tempo a possibilidade da memória e do testemunho. Assim o escreveu Derrida, lendo Cícero:

«Vivo no presente falando de mim pela boca dos meus amigos, e já os ouço falar à beira da minha sepultura.¹⁴³»

Dissimetria irrepresentável ou figuração do infigurável – lendo-se Paul Celan, na leitura luminosa de Derrida, é preciso dizer o *fim do mundo*, o fim de todo o mundo e não apenas de um mundo, na impossível responsabilidade de bem se transportar o fim do mundo que é a partida do outro¹⁴⁴. Fim d'O mundo que, na abertura de *Chaque fois unique, la fin du monde* – um livro de múltiplos Adeus – se entende no contexto de uma estreita aproximação entre «o mundo» e «a morte»¹⁴⁵, sendo que a experiência impossível da morte, na morte do singular próximo, é ressonância ou eco¹⁴⁶ de um único e decisivo *A-Deus*. Um *A-Deus* que, pela sua absoluta interrupção, não apenas pesa por sobre *um* mundo, mas por todo *o* mundo, dilacerante sobre o todo do mundo no desaparecer *do só e único vivente*¹⁴⁷. Sem *consolação* ou *salvação*, sem *ressurreição*, portanto. Como se discutirá com Nancy.

¹⁴¹ J. Derrida, *Políticas da amizade*, trad. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2003, p. 328.

¹⁴² Cf. M. Blanchot, *L'amitié*, Gallimard, Paris, 1971, p. 329.

¹⁴³ J. Derrida, *Políticas da amizade*, p. 19.

¹⁴⁴ Cf. Fernanda Bernardo, «Verso – para uma poética», *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 31, 2007, pp. 71-142.

¹⁴⁵ J. Derrida, *Chaque fois unique, la fin du monde*, p. 9

¹⁴⁶ Cf. Idem, *Vadios*, pp. 30-32.

¹⁴⁷ J. Derrida, *Chaque fois unique, la fin du monde*, op. cit, pp.10-12.

Ressurreição; Sobrevida

Sem ressurreição, dizíamos, no fio de uma inapagável e reiterada melancolia em Derrida... Uma melancolia que é preciso distinguir de nostalgia¹⁴⁸, na reiterada sujeição ao luto irreparável que é o encontro com o outro, na sua secreta e irreduzível diferença. Como já em *différance* se indicou, na letra-*pirâmide*¹⁴⁹ ‘A’, resguardando a distância que enluta todo o encontro, que o dá a pensar como relação in-finitamente dissimétrica. Porque toda a relação treme na inelutável interrupção última, que imprime no seu pensamento o selo enigmático, doloroso e enlutado da morte: «Lei inflexível e fatal: de dois amigos, um verá o outro morrer»¹⁵⁰. O amigo traz a evidência da sua irreduzível alteridade na sua in-finita distância, marca de intransponível solidão¹⁵¹.

A melancolia, de tom derridiano, inscreve-se aqui, como incondição reafirmada da alteridade absoluta que é preciso transportar na morte: na impossível coincidência com o outro; na impossibilidade de coexistir *no mesmo tempo*, que a morte sustenta e eterniza; na impossibilidade, em suma, de aceder ao outro, à morte do outro e à morte, ao *como tal* do outro e da morte¹⁵². Sublinhamos este impossível *como tal*, na incomodativa rapidez de uma alusão, alertando para a desconstrução deste *como tal* na crítica a toda uma tradição de pensamento alicerçada ou instigada pelo ímpeto da representação, da replicação ou duplicação da verdade como *homoiosis*¹⁵³ – o que, claro está, não irá sem consequências para todo um rumo da filosofia das artes, das estéticas, para todo um desenho filosófico do que se entendeu por figuração.

A condição do sobrevivente, problema permanente na desconstrução de Derrida, que povoa estruturalmente todo o pensamento da morte e sobre a

¹⁴⁸ Cf. J. Derrida, *Séminaire La bête et le souverain, volume II (2002-2003)*, Galilée, Paris, 2010, p. 170.

¹⁴⁹ Recorde-se o que escreveu Derrida sobre o ‘signo’ pirâmide, na senda de Hegel: «O signo, monumento-da-vida-na-morte, monumento-da-morte-na-vida, a sepultura de um sopro [...], o duro texto de pedra recoberto de inscrições, é a *pirâmide*» J. Derrida, «O poço e a pirâmide. Introdução à semiologia de Hegel», Colectivo, *Hegel e o pensamento moderno*, Rés, Porto, 1979, pp. 60-61

¹⁵⁰ Idem, *Carneiros*, p. 14.

¹⁵¹ Como, em *Celui qui ne m’accompagnait pas*, Blanchot escreveu : «Vous savez, nous devons rester seuls, nous sommes seuls», Gallimard, Paris, 1953, p. 34.

¹⁵² Cf. Fernanda Bernardo, «Entre Nós. Nós de silêncio entre Derrida e Gadamer (e alguns outros) – do Diálogo Interior (Gadamer) à Melancolia (Derrida) ou a identidade do «eu» em desconstrução», Posfácio a J. Derrida, *Carneiros*, p. 112 e sgs.

¹⁵³ Cf, por exemplo, H. Cixous; J. Derrida, *Véus... à vela*, trad. Fernanda Bernardo, Quarteto, Coimbra, 2001, pp 28-29; Idem, *Vadios*, pp. 66-67; Idem, «La Double Séance» in *La dissémination*, Seuil, Paris, 1972, p. 231 e sgs.

morte, evidencia-se na melancolia, cujo registo ultrapassa o de mera afecção ou estado de alma. Pensar a morte, pensar a morte do outro como pensar(-se) a própria morte é pensar-se *in absentia*, pensando também no rastro, na excedência, nos despojos mortais, na *sobrevivência originária* que precede toda e qualquer morte. A sobrevivência excede, necessariamente, a separação dual entre vida e morte, trazendo a condição de estranha familiaridade, «*unheimlich* e fantasmática da espectralidade do morto vivo»¹⁵⁴.

Ora é talvez a firmeza de um fragor melancólico, a que se opõe um singular pensamento do luto na *ressurreição*, um dos mais evidentes registos de separação entre Derrida e Nancy. A melancolia de um luto arqui-originário debate-se com a insistência numa *ressurreição* que, mesmo que pensada no contexto de uma *desconstrução do cristianismo*, não se furta garantidamente ao tom de uma latinização, do «fenómeno da latinidade e da sua mundialização»¹⁵⁵. Será imperativo regressar, noutra ocasião, ao desenvolvimento filosófico possibilitado neste diferendo.

A partir de Blanchot, Nancy esclarece o sentido do que, no golpe de asa da sua leitura, entende por *ressurreição*. Não se trata de uma anulação da morte, nem sequer de um concedido regresso do reino dos mortos; não contempla qualquer dialectização da morte e consequente domesticação do seu reduto, nem se trata sequer de uma operação¹⁵⁶ – corresponde, sim, a uma *ressurreição da* morte como devolução da morte ao impossível da sua própria experiência. Sustentação ou elevação, como também dirá Nancy, da morte como verdade da vida, dando a cada vivente a provação da sua mortalidade, como o dom da sua singularidade¹⁵⁷. É este um dos sentidos a reter da palavra grega *anastasis*, sincategorema nancyano para afirmar o ressurgimento ou ascensão do outro «que ressuscita para mim» - mas que não me ressuscita¹⁵⁸. Uma ascensão que solicita o aceno¹⁵⁹ da *saudação*, mas que, reitera Nancy, não *salva* nem *consola*. Nesta *anastasis*, fundamental inflexão da desconstrução em Nancy, afirma-se assim um terreno de *santidade* alheio a qualquer irenismo ou taumaturgia: «uma santidade subtraída ao prodígio religioso, mas subtraindo também a este mesmo prodígio um acesso não crédulo e sem piedade ao que não convém mais nomear «a morte» – realidade

¹⁵⁴ J. Derrida, *Séminaire La bête et le souverain, volume II (2002-2003)*, p. 176.

¹⁵⁵ Idem, «Fé e Saber», trad. Miguel Serras Pereira, Colectivo, *A Religião*, Relógio d'Água, Lisboa, 1997, p. 45

¹⁵⁶ Cf. J-L Nancy, «Résurrection de Blanchot», *La décloison (Déconstruction du christianisme, I)*, pp. 136-137.

¹⁵⁷ Cf. J-L Nancy, *Noli me tangere*, Bayard, Paris, 2003, pp. 32-34.

¹⁵⁸ Ibid, p. 35.

¹⁵⁹ Cf. Idem, «D'un Wink divin», *La décloison (Déconstruction du christianisme, I)*, pp. 155-167.

de um irreal – mas o «consentimento», realidade de uma correspondência ao real mesmo do morrer»¹⁶⁰.

Na saudação, na salvação, está realmente a solidão, contida no étimo ‘salvus’. O predomínio do étimo latino garante, na saudação/salvação, o que resta indemne, o que permanece só e desertado, opondo-se assim à suavização do luto no étimo ‘solor’ em nome da solidão do ‘solus’. *Desolação* e *consolação* adquirem assim, no fio do texto de Nancy, uma complementaridade dolorida, no luto sem resolução que transportam: na *desolação* que é negação do ‘solor’, no isolamento sem solo, sem terra própria, no exílio da retirada do outro ‘solus’; na *consolação*, que encerra a desolação no seu reduto solitário, sem que a pacifique ou anule, «fortificando-a» ou murando-a a qualquer tematização¹⁶¹. A ideia de ‘salvus’, marca do intacto ou indemne a qualquer tacto, qualquer toque, qualquer tema, refuta para Nancy a sublimação do ‘solor’, étimo indiciador do conforto do «luto normal» – *a boa consciência de uma amnésia* – da filosofia, que a melancolia em *Carneiros* tão bem critica¹⁶².

Para Nancy, e no rastro do que é também um pensamento da sobrevivência, a *saudação*, pensada a par da *salvação*, não é um gesto de absolvição, não radica no ‘solor’ do esquecimento, sendo antes a absoluta solidão do sobrevivente saudando, *tocando* o intocável outro, tocando o outro indemne, intacto e intangível, de uma solidão a outra e de uma *desolação* a outra¹⁶³.

Desertado da sua voz viva, sentindo na pele a difícil condição do sobrevivente, Nancy endereça-se a Derrida, ao seu silêncio, mas também ao traço do seu texto, que continua a se lhe endereçar, como numa provocação fantasmática. Escreve Nancy:

«Abertos [...] sobre a noite, na noite e neles mesmos nocturnos: olhos que vêem o fim do mundo, não representando perante si, mas neles elevando o desabamento da visão e o tocar da própria noite. A noite contra os olhos como outros olhos que deteriam e arruinariam toda a possibilidade de visão, de intencionalidade, de direcção e de refúgio fora do adeus sem refúgio»¹⁶⁴

¹⁶⁰ Idem, «Résurrection de Blanchot», *La décloison (Déconstruction du christianisme, I)*, p. 145.

¹⁶¹ Cf. J-L Nancy, «Consolation, désolation», *La décloison (Déconstruction du christianisme, I)*, pp. 148-149.

¹⁶² «A «norma» não é senão a boa consciência de uma amnésia. Ela permite-nos esquecer que guardar o outro dentro de si, como si mesmo, é já esquecê-lo. O esquecimento começa aí. É então preciso a melancolia.», J. Derrida, *Carneiros*, p. 52.

¹⁶³ Cf. J-L Nancy, «Consolation, désolation» in *La décloison (Déconstruction du christianisme, I)*, p. 149.

¹⁶⁴ Cf. *Ibid*, p. 148.

A beleza do texto convoca o desejo de fidelidade, no tom de um *in memoriam*, mas também a condição de infidelidade de todo o herdeiro. Do herdeiro rebelde, neste caso, ao próprio pensamento da herança, apelando antes à duplicidade da palavra *partilha*: que aparta, aí mesmo onde se faz tangente. Esta saudação, desesperada e só, ressalva *o* mundo, mesmo que no fremir incapazível com que esta palavra se conjuga em Nancy. Para lá do reconhecimento, de qualquer capacidade ou poder de vidência na e-vidência, a imagem – concretizada, por exemplo, na e-vidência de um retrato – vê a morte¹⁶⁵, encena-a, antecipa-a impossivelmente. Este ver, como grão de insistência na língua, vê para além do ver, isto é, vê a morte anunciada (e nunca enunciada) do *visto* que, assim, se retira de qualquer padrão de visibilidade. Como pensa o sobrevivente Nancy, endereçando-se à ausência surgida de Derrida:

«Retrato: ideia, forma verdadeira do que não tem forma, ele, a sua *passagem*, sua vinda, sua partida, sua desapareção e a sua disseminação longe de toda a ideia»¹⁶⁶.

Longe, pois, da luz reluzente de toda a idealidade, a imagem repete iterativamente o rosto prometido à morte: distância mortal, de lés a lés¹⁶⁷ – se dissemina na cadência de dois dos maiores pensamentos do *nosso* tempo.

Neste registo, Nancy protesta contra a morte, não sem evidenciar, no olhar nocturno que reclama, a interdição de toda e qualquer representação – mas na salvaguarda do mundo, desagregado no luto melancólico de Derrida. Conflito insanável, quando é *o* mundo que, para Derrida, e na inspiração de Celan («Die Welt ist fort»), *não é mais* – não é mais mundo, no fim do mundo que é a morte do outro.

Mais uma vez, a imagem em questão, no tom dolente de uma missiva:

«[...] se sofro da ausência que estas imagens transportam, como todas as imagens, se as recuso, mesmo, e não as quero olhar, este mesmo movimento acaba por me restituir uma outra ausência, à verdade da ausência, que não é a consolação, mas também não é a desolação»¹⁶⁸.

¹⁶⁵ Cf. J-L Nancy, *À plus d'un titre*, Jacques Derrida, Galilée, Paris, 2007, p. 17.

¹⁶⁶ Ibid, p.19.

¹⁶⁷ Cf. J. Derrida, *Chaque fois unique, la fin du monde*, p. 137.

¹⁶⁸ J-L Nancy, «Penser à vue. Jacques Derrida. Lettre à Jean-Pierre Rehm, le 24 juin 2005», op. cit.

A imagem, eloquentemente tratada no luto de Nancy, abre e evidencia a própria ausência, trazendo intacto o vazio da representação. Figuração do infigurável dita a dois tons, *de desconstrução a desconstrução*, no diferendo pontuado pelo luto. A ausência, garantida em ‘salvus’ como perpétuo ausentamento, esvazia a imagem de todo e qualquer efeito de presença. Insistindo, Nancy apelida os *grandes pensamentos da ausência da imagem* – ou da imagem como traço de ausência, sem pacificação – por ‘pensamentos da ressurreição’. O que incluiria Derrida, mesmo à sua revelia.

É bem um tom, uma marca de água da assinatura filosófica de Nancy, no qual Derrida sublinha a insistência em todo um léxico – *gros mots*, no dizer de Derrida¹⁶⁹ – portador de uma quase dissonância face ao rumo do seu próprio desenvolvimento. Um léxico como que exibindo uma distância, «uma diferença na forma de fazer, na postura, uma diferença de corpos justamente, de carne, de estilo, de gesto», que leva Derrida a posicionar-se «perante a tradição, com todas essas palavras, como uma mosca que tivesse compreendido o perigo»¹⁷⁰. Tal como todas estas palavras, a ressurreição enquanto pensamento – ainda mais envolvendo Derrida – indicaria a ligação com «*um cristianismo que falta (qu’il faut) abandonar*»¹⁷¹. Na reserva necessária para, da perspectiva de Derrida, encarar todo um léxico nancyano, associa-se aqui a palavra ‘nascença’ ao sentido de um luto.

A palavra “nascença”: negando ao evoluir da arquitectura filosófica o sentido de um *luto verdadeiro*, Nancy reclama o reduto de um sentido nascente, infigurável, porque fora dos preceitos de representação pelos quais a filosofia “afasta a incorporação da morte”. Fá-lo em nome de um luto absoluto, pensado no registo de um “vem” alimentado por uma vinda adiada, suspensa ou esvaziada da concretude da presença. Derrida, ao comentar a urgência desta distinção, acrescenta uma dúvida precisa: e se, no lugar da entrega a essa representação urdindo o afastamento do luto – em vez de evitar, como acusa Nancy, a incorporação da morte –, a filosofia fizesse dessa mesma incorporação o gesto e a estratégia dessa denegação? E se o verbo «nacer», como vinda criadora de mundo, fosse um enredo distinto de uma mesma ilusão de luto, de um escamoteamento da morte pelo corpo vivo, *no mundo*?¹⁷²

¹⁶⁹ Cf. J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 17.

¹⁷⁰ J. Derrida et Jean-Luc Nancy, «Responsabilité – du sens à venir», *op cit*, p. 168.

¹⁷¹ *Ibidem*, pp. 186-187.

¹⁷² Cf. J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, pp. 66-67.

Coda

Apenas se ama verdadeiramente a vinda adiada do seu próprio desejo. Quando o pensamento se formula em desejo¹⁷³, quando o desejo modula o registo da sua (re)traçagem, inevitavelmente nos obrigamos à rasura de um *presente vivo*, à apóstrofe de uma presença entendida como imediata e alcançável – ou palpável, na tradição tautologista que também se impôs.

No que poderia ser uma surda dissensão, marca de heterogeneidade ou dissenso na *partilha*, Jean-Luc Nancy nega o desejo enquanto *tensão melancólica*, ao mesmo tempo que desvia este desejo de um *objecto em falta*¹⁷⁴. Fuga à objectivação, reiterável na desconstrução de Derrida, mas não deixando de proporcionar o sublinhar dessa tensão melancólica, que escava a diferença de desejo a desejo. Derrida, o pensador da *melancolia sem idade*, no *A-deus* que chora a perda do outro desde a sua chegada, nas lágrimas que anunciam a partida no acontecer do seu acolhimento; Nancy, onde o desejo se formula no estremecer corpóreo – no corpo singular e inaudito – da sua desconstrução.

Sempre o traço sobrevive, da palavra à imagem, sempre um texto permanece: testamentário, a sobrevivência do traço afirma-se também como marca mortal ou testemunho de mortalidade, rastro de uma vivência que, *rente ao dizer*, diz em permanente repetibilidade a sua inexorável perda¹⁷⁵. Sempre um texto é uma morte suspensa, como uma suspensão da morte, na duplicidade permitida pela lonjura do título de Blanchot – *L'arrêt de mort* –, vincada pela leitura de Derrida: a escrita, «à la fois vivant et mort, au-delà de la vie et au-delà de la mort»¹⁷⁶.

Figurar o infigurável, no alcance da desconstrução, pode corresponder a uma forma (outra) de presença que, em Nancy, dá lugar a uma presença não dada, abre espaço a uma *vinda*¹⁷⁷ e responde, em som, traço, figura ao inaudível e ao invisível do sentido¹⁷⁸. Uma presença, ainda que esta não supra, vença ou substitua a ausência, a falta ou o desejo; *imago*, como efigie do ausente absoluto, é isso mesmo, como frequentemente recorda Nancy.

¹⁷³ Em Nancy, como o sublinha Derrida «Une autre pensée du corps, qui suppose aussi une autre expérience du désir», *Ibidem*, p. 140.

¹⁷⁴ «Désir n'est pas tension mélancolique vers un objet manquant», J-L Nancy, «Verbum caro factum» in in *La décloison (Déconstruction du christianisme, 1)*, p. 128

¹⁷⁵ Cf. Jacques Derrida, *Parages*, pp. 138-139.

¹⁷⁶ *Ibid*, p. 157.

¹⁷⁷ Como num apelo: «Venez, montrez-vous donc!» Idem, «L'oscillation distincte», in *Au fond des images*, p. 126.

¹⁷⁸ Cf. *Ibid*, p. 127.

Mas *figurar o infigurável* pode, também, numa decisiva variação de tom, inscrever no instante, sem redenção possível, a morte prometida – antecipação sem pré-visão –, dizendo a um tempo a sobrevivência do traço e a morte anunciada de cada vez, de uma vez por todas e a cada instante («nous nous devons à la mort»¹⁷⁹). E a imagem convoca então o peso de *uma saudação sem retorno*:

«O sobrevivente fica então sozinho. Para além do mundo do outro, ele está de certo modo também para além ou aquém do próprio mundo. No mundo fora do mundo e privado de mundo. E sente-se pelo menos o único responsável, obrigado a portar [*porter*] e o outro e o *seu* mundo, o outro *e* o mundo desaparecidos, responsável sem mundo (*weltlos*), sem o solo de nenhum mundo, doravante, num mundo sem mundo, como sem terra para além do fim do mundo»¹⁸⁰

Talvez irremediavelmente só, Jean-Luc Nancy prolonga a sua partilha com Derrida. Na bela missiva que evocamos, a ténue segurança da imagem, na sua ambivalência, põe-se em jogo para falar *de* Derrida, falando *a* Derrida: à imagem de Derrida, presente apenas (registo da *consolação* nancyana) na fragilidade de uma imagem movente - «Et puis c'est le noir de l'écran».

¹⁷⁹ «[...] la phrase se répétait dans ma tête pleine de soleil, mais sans se reproduire» J. Derrida, *Demeure, Athènes*, Galilée, Paris, 2009, pp. 20-21.

¹⁸⁰ J. Derrida, *Carneiros*, p. 17. Itálicos de Derrida.